



N.º 153 — LISBOA, 17 DE DEZEMBRO

3
ANO
1902

A PARÓDIA

<p>PREÇO DA ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Lisboa, provincias e África serie de 26 numeros. 500 réis * 52 * 1000 * Cobrença pelo correio custa..... 100 * Estrangeiro, accresce o porte do correio.</p> <p>Preço avulso 20 réis Um mez depois de publicado 40 réis</p>	<p>Publica-se ás quartas-feiras</p> <p>PROPRIETARIOS</p> <p>RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO E M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</p> <p>Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º</p>	<p>ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES</p> <p>Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º</p> <p>Composição: Minerva Peninsular 111, Rua do Norte, 113</p> <p>Impressão: Lythographia Artistica, Rua do Almada, 32 e 34</p> <p>EDITOR — CARDDO CHAVES</p>
--	---	--

A CHEGADA

por CELSO HERMINIO



O regosijo nacional

— Pois, sim, ralem-se...



A VOLTA AO REINO



ESTAMOS convencidos de que, ao regressar ao reino, o primeiro movimento d'el-rei terá sido o de um homem que profundamente se resigna, não por certo ao seu paiz,

que seguramente ama, e que, a despeito da concorrência das brilhantes civilizações, permanece attraente e amavel no agasalho do seu clima suave e na hospitalidade dos seus benignos costumes, mas ao seu throno, cujas escadas, apesar de todos os fastigios, lhe devem parecer bem menos gratas ao subir do que a molle e tapetada escada do Hotel Bristol.

Elle volta de umas ferias admiraveis e vae de novo—reinar, oh! despertar amargo de todos os sonhos! oh! amanhã inaddiavel de todos os dias de ventura! oh! realidade! oh! espiga!

Reinar!

Já ao avisinhar-se da fronteira, elle lentamente principiou desabotoando o seu ultimo *veston* de cheviotte, atirou com desalentado gesto, para cima do divan do *sleeping*, a *casquette* que viu as densas mattas de França e os prados nevados de Ioglaterra despojou-se do derradeiro par de botas de coiro de Escossia, ainda humidas da rica terra dos Castellane e



dos Beauvoir, pediu o sceptro, a coroa e o seu ar constitucional, enfiou as luvas brancas, disse mentalmente, como quem recorda as palavras de uma velha lição—*Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza...*

Não é a patria que ahí vem, não, com o seu ceu sempre de cara na agua, as suas tepidas virações embalamadas pelas resinas dos pinhaes, a sua paysagem virgiliana, as suas terras lavradas, os seus olivedos, os seus oiteiros, os seus quintaes e depois o Tejo derramando-se pela lezíria, onde os bois bravos param com um fio de baba na bocca, a olhar o trem que passa como uma bicha de rabiar—*Eh real!*

Não é a patria—não!

E' o Vargas, no Entroncamento, de casaca, entre os encalyptus da gare, mettido n'umas botas de polimento e sotterrado sob um chapéu de pasta, no ar fino da manhã, a levar os cumprimentos do ministerio e um rolo de decretos.



Depois, por ahí a baixo, são as camaras municipaes e é o Hymno—o hymno, que nunca mais o abandonará, e, finalmente, no Rocio, é já, em toda a sua magnitude, o «arduo offi-



cio de reinar»—o governo, o municipio, as corporações, o foguetorio, a guarnição em armas, o povinho nas

ruas, o madamismo as janellas, dando á lingua, mexericando, devassando com os seus olhares e as suas palavras o rei que torna a ser rei e que volta ao seu reino para deixar de ser o que tão gratamente foi durante dois doces e fugidios mezes, isto é—um homem!

Ser um homem!

Eis justamente aquillo que elle foi! Eis justamente aquillo que vae deixar de ser!

Durante dois mezes elle reentrou na sua condição humana e poudo gosar com delicia o prazer de não ser—ninguem.

Elle poudo allojar se n'um hotel, onde não o receberam com o hymno da Carta e onde não encontrou—felicissimo facto!—o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto.

Poude finalmente dispôr do seu tempo. Pela manhã, barbeado e lavado, as mãos nos bolsos e um charuto nos dentes, poude sahir á rua, só e a pé, dar uma volta pelos *boulevards*, fazer um alvo *chez Renette*, entrar nas lojas, apressar coisas, levar encontrões, desviar-se dos carros, tomar solitariamente um *amer'* na *terrasse* do Americano, e recolher ao almoço depois d'este banho d'ar, de liberdade, de livre arbitrio e de democracia, sem sentir uma só vez no seu encaicho, o major Dias e a policia.



Poude, n'uma palavra, reapossando-se da sua individualidade d'homem, conhecer o anonymato e, no anonymato, o principio salubre da Igualdade.

Reintregado na sua situação privilegiada de rei que passa, estamos certos de que sua magestade se encontrará muito menos á vontade do que na obscura, porem deliciosa situação de «trãseunte que passa», em que o pudemos, com satisfação, surpreender nas ruas de Paris.

Em Paris, S. M. era um homem sadio e forte que gosava sem apparato os beneficios de uma civilização excepcionalmente brilhante.

Em Lisboa, S. M. é o Poder Moderador arrastando um manto pesado, no meio de uma civilização pesada.

Estamos convencidos de que S. M. vae ter saudades de Paris e pedimos licença para não o felicitar pela sua chegada.

JOÃO-RIMANSO.

A apprehensão d'A PARODIA

O lapis do sr. juiz

Veiga e os nossos lapis

Um acontecimento consideravel veio surprehender-nos a semana passada.

A *Parodia* fôra apprehendida.

Quando houvermos conhecimento d'esta noticia, tivemos a impressão de um rapto.



A *Parodia* lôra raptada!

Afinal, não. A *Parodia* não foi rapada. A *Parodia* foi simplesmente para o estafim. E' vexatorio dizê-lo, mas é assim.



Comtudo, este jornal tinha o que se chama um bom comportamento. Nunca fôra preso, não se embriagava, não dava pateada nos theatros, não tinha opiniões na Havaneza, não cejava no Silva, não ia a casa de Aspasia.

Muitas vezes mesmo lhe diziamos:

— Que diabo! Dezemburra te, rapaz!

E mettiámos-lhe na mão uma placa de cinco tostões para as urgencias da sua mocidade.

Mas a *Parodia* não se desemburrava. Não era já mesmo um jornal. Era um caso de mysantropia.



Reflectimos que teria um dente cariado e levamol-o ao dentista, que teria uma peça original e levamol-o ao visconde de S. Luiz de Braga, que teria um rasgão no casaco e mandamos-lhe fazer um fato novo.

A *Parodia* não pareceu commover-se com estas demonstrações de interesse paternal e seguia sendo o que se chama um jornal «com muitissimo juizo» quando nos veio surprehender a noticia da sua prisão.

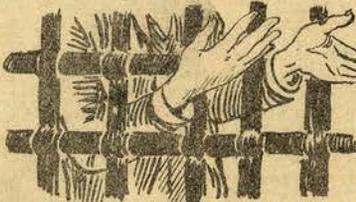
Corremos ao Governo Civil.

— Que é isto?

A *Parodia* poz-se a bailar e a cantar:

*Tengo dos lunares
Tengo dos lunares
El uno junto á la boca...*

— Mas que é isto? tornamos nós alarmados, estendendo lhe os braços através das grades.



E a *Parodia*, ollegante, os olhos brilhantes:

*El dia em que yo naci
Oi decir à mi mare...
Toma!
Que toma!
Que toma!
Toma!
Que toma! Que toma!*



— Filho! bradamos nós. Que tens? Que tens?

Então a *Parodia*, sem cessar de bailar e de cantar, contestou-nos de dentro da sua prisão:

— Nada, meu pae! E' que estou com muitissima telha!

— Ora graças a Deus! dissémos nós. E corremos ao Tavares a encomendar-lhe um jantarinho de perdiz

E agora, que tudo está explicado, vamos perguntar ao sr. juiz Veiga porque razão, não nos permitindo nós o luxo de ter opiniões, não teremos, pelo menos, o direito de ter telha.

A telha não está sob a alçada de nenhum genero de despotismo.

A telha é livre.

Vamos, pois, conversar.

O sr. Veiga tem um lapis, que, segundo dizem, é azul.



Em materia de lapis não nos leva a palma. Temos muito mais e de todas as côres.



NO REGRESSO DO CHEFE

Recolos e esperanças por CELSO



— Cahiremos? — Subiremos?

A VOLTA AO SOLAR...



Tenho cá no repertorio
 Um grande foguetorio
 Haja festas e vivorio
 Toque, toque o solidó
 Faltam bombas, mas que importa ?
 Se essa falta a coisa entorta
 E' bater á minha porta
 Para o foguete basto eu só.

bis { Chiu, chiu, chiu, Pópópo, pó, pópópó
 Chiu, chiu, chiu, Pópópo, pó, pópópó

E' fazer como já viu
 Chiu, pó, pó, chiu, pó pó

CORO

E' fazer como já viu
 Chiu, pó, pó, chiu, pó pó

(Musica do Solar dos Barrigas).

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO



O sr. Governador Civil e o « Amor pelos cabellos »



IEL aos principios da moralidade, que tão escrupulosamente vem zelando com olho tão administrativo quando paternal, sua ex.ª o sr. governador civil prohibiu que um actor deitasse a lingua de fóra em uma das peças que actualmente se representam no Theatro Gymnasio.



Intimada a empresa, na pessoa do nosso amigo Pinto, a fazer recolher a lingua do actor em questão, este recolheu a lingua, e a peça poudo continuar a ser representada, sem embaraço administrativo.

Pergunta-se:

Por effeito de que raciocínio, mesmo administrativo, é que o facto de deitar a lingua de fóra pode ser reputado attentatorio da Moral?

Os medicos dizem:—Deixe cá ver a lingua!



Todos os dias naturezas apprehensivas observam a lingua. Um dos personagens da *Reliquia* não faz outra coisa, a um espelho, na casa devota da tia do Raposão.

As creanças mostram a lingua.



Os garotos deitam a lingua de fóra, sem que até hoje o principio da auctoridade, ou a lei tenham intervindo na pratica d'esse gesto.



O que significa, pois, o acto de verdadeira dictadura, em virtude do qual o sr. governador civil mandou recolher, n'uma peça do Gymnasio, uma lingua, que, sobre não offender a Moral e os Costumes, está incontra-versamente na Tradição?

Mysterio!

Entretanto, alarmemos-nos.

A auctoridade já exercia a censura litteraria.

Começa agora a exercer a censura artistica.

Ella prohibia peças, supprimia actos, cortava scenas, mutilava periodos, decepava palavras. — O sr. governador civil acaba de prohibir o *badalo* e de decretar o *sino*.

Eis, porem, que a auctoridade intervem não só na acção de pensar, como no proprio acto de mimar o pensamento.

Deitar a lingua de fóra pode ser uma mimica de actor, indispensavel á boa expressão do pensamento do auctor.

Prohibir-lh'o é acabar com o actor.

Onde vamos parar?

Mas nós sabemos. Vamos parar a uma arte dramatica em que os governadores civis sejam tudo— auctores, actores e publico.



Assim teremos talvez occasião de assistir a este espectáculo unico: o sr. Pereira e Cunha, notoriamente careca, representando pela primeira vez—o *Amor pelos cabellos*.



A Sociedade, os Principios e os códs das calças



PRINCIPE Cretchet foi expulso de Portugal, por ser considerado *nihilista perigoso* e debaixo d'esta rubrica, remettido a Hespanha.

Pergunta-se porque motivo um nihilista, perigoso na Russia, subsiste sendo perigoso em Portugal, onde não existem a tyrannia dos tzares, os fóros da Finlandia, o Santo Synodo, os gelos da Siberia e os casacos de pelles.

Nenhuma maneira de o saber.

A Hespanha, que tambem não comprehendeu porque é que Portugal, clima suave e constitucional, lhe mandava de presente um nihilista perigoso, devolveu o principe, e eis aqui dois Estados jogando o *tennis* com um homem por cima das fronteiras.



E' possivel que o principe Cretchet seja um nihilista perigoso, mas ha coisa mais perigosa do que elle: é um espirito de auctoridade absolutamente falho de senso commum—porque o nihilista pode ser perigoso na Russia, enquanto que o espirito de auctoridade a que temos a honra de nos referir é eminentemente perigoso em toda a parte, pela grande somma de perturbações que provoca não no seio das sociedades e dos principios, mas, mais devastadoramente nos códs das calças.—Estes rebentam todos.



Piadas do Sol

Um specimen de annuncio, em linguagem telegraphica, que recolhemos do *Seculo*.

7. Obr., mas pouco. Melhor. 11 depois. Secca! Que s.! Esq.? B. Doido por ti. Triste a.

Tanto quanto é possivel devassar no texto, o que se deprehende d'esta communicação amorosa é que a pessoa que a faz se encontrava á data das ultimas noticias alguma coisa constipada do ventre, do que melhorou graças a algum dos muitos medicamentos indicados para este genero de perturbações no funcionamento do apparelho digestivo; e que as melhoras foram plenamente satisfatorias, parece deduzir-se d'esta exclamação de regosijo. — Que s.! seguindo-se a este annuncio— 11 depois.

Este numero de 11 dá-nos a entender que foram empregados os meios energicos.

E' sempre o melhor.



Foi agraciado com a grã cruz da ordem pontificia do Santo Sepulchro, o sr. D. Alberto Bramão.

Como ordem do Santo Sepulchro não é uma grã-cruz.

E' a côroa de espinhos.

Felicitemos o sr. D. Alberto Bramão por mais esta distincção.



Logo que regressou da sua ultima viagem á Europa, o shah da Persia reduziu de 1700 a 60 o numero das mulheres do seu harem —por economia dizem.

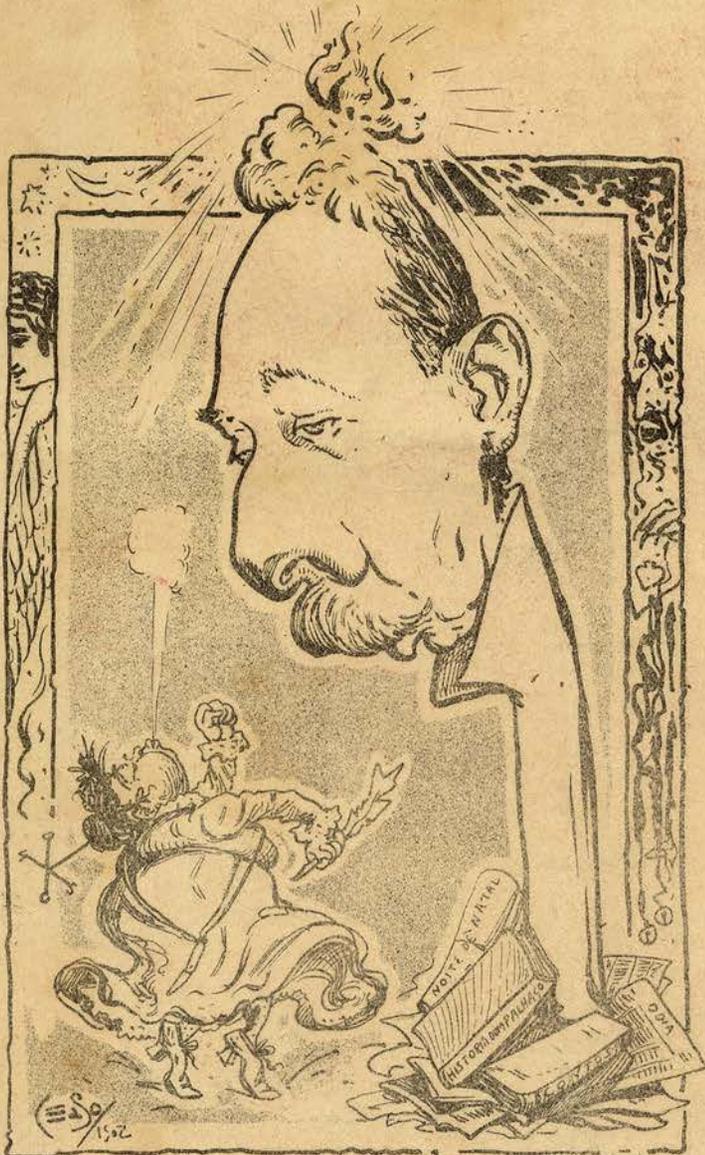
Este acto de economia não se reflecte, porém, no orçamento do Estado.

Foi um mero acto de economia pessoal. 1700 mulheres era muita mulher para o orçamento do shah.

Com as 60, fica assim reduzido a um shah... com torradas.

Perfil... dramatico

(Portrait-charge por CELSO HERMÍNIO)



Companhia Real

DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Concurso para Amanuenses

Até 21 do corrente, está aberto concurso para a admissão de amanuenses para os serviços centrais d'esta Companhia.

As condições de admissão estão patentes na Repartição central da Exploração (edifício da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 da manhã ás 4 da tarde.

Os requerimentos escriptos em papel commum e pelo proprio punho do concorrente, deverão ser dirigidos ao Engenheiro em chefe da Exploração da Companhia, e entregues até ás 5 horas da tarde do dia 21 do corrente, na Repartição Central da Exploração (estação de Santa Apolonia) e n'ellesserá indicada a morada do concorrente.

Os candidatos serão submettidos a inspecção da junta medica da Companhia, depois de que será fixado o dia para o exame de admissão.

1902, 4 de Dezembro de 1902.

O Director Geral da Companhia Chapuy.

Ouivesaria e Relojoaria

com officina anexa de fabrico e concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

MENÉRES & C.^a

Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa do Presidente da Republica do Brazil, da Directoria da Sãidade Publica do Para, da Cooperativa Militar Portugueza, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO
Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47

Callista

pedicuro



Jeronymo Fernandes

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.^o

(Frente para o Chado)

EXTRACÇÃO de callos e desencructamento de unhas pelos mais modernos processos

os até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite e te consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

E' alto e é brandão — a critica para o apagar tem de crescer e depois... apparecer

EM MADRID
A DESPEDIDA



— Adeus. Boa viagem ! (Aparte) O que eu te queria era o corpo...